



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0250/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 14/09/20

Ministro das Relações Exteriores saudita chega a Doha para cúpula árabe-islâmica sobre ataque israelense



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, chegou ontem sábado a Doha para participar na reunião preparatória de ministros das Relações Exteriores para uma cúpula conjunta árabe-islâmica de emergência.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, chegou ontem sábado a Doha para participar na reunião preparatória de ministros das Relações Exteriores para uma cúpula conjunta árabe-islâmica de emergência, informou a Agência de Imprensa Saudita.

A cúpula se concentrará no ataque israelense na capital do Qatar no início desta semana, que teve como alvo autoridades do Hamas.

O ataque, que deixou vários mortos e feridos, foi amplamente condenado em todo o mundo árabe e islâmico como uma violação da soberania do Qatar e do direito internacional. O Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita denunciou o ataque como um "acto agressivo" e reiterou a solidariedade do Reino com Doha, enfatizando a necessidade de a comunidade internacional responsabilizar Israel por suas acções. **Fonte-Arab News.**

Fórum destaca lei como pilar da estabilidade do Estado



Sob o patrocínio do ministro das Relações Exteriores, Príncipe Faisal bin Farhan, o vice-ministro das Relações Exteriores, Waleed Elkhoreiji, inaugurou em Riade o primeiro fórum do ministério, no Dia Mundial do Direito.

Sob o patrocínio do ministro das Relações Exteriores, Príncipe Faisal bin Farhan, o vice-ministro das Relações Exteriores, Waleed Elkhoreiji, inaugurou o primeiro fórum do ministério em Riade, no Dia Mundial do Direito.

O evento foi realizado no Instituto de Estudos Diplomáticos Príncipe Saud Al-Faisal em parceria com o Centro Saudita de Arbitragem Comercial, de acordo com um relatório da Agência de Imprensa Saudita.

Os participantes na cerimônia de abertura incluíram Walid Abanmi, presidente do conselho do centro; Hamed Merah, CEO do centro; Mansour Al-Yami, vice-ministro de serviços de apoio do Ministério das Relações Exteriores; e Mohammed Al-Nasser, director-geral da Administração Geral de Assuntos Jurídicos do ministério.

Em seu discurso, Elkhoreiji disse que o fórum incorpora um valor central e um pilar fundamental da estabilidade do Estado e da protecção dos direitos individuais e comunitários.

Ele enfatizou que a lei é mais do que textos escritos, dizendo que é um "sistema integrado de valores e princípios que garantem justiça e igualdade, preserva direitos e constrói confiança entre o Estado e seus cidadãos e entre os Estados".

Elkhoreiji acrescentou que no mundo complexo de hoje, com desafios crescentes e interesses que se cruzam, o direito internacional e a diplomacia jurídica são ferramentas essenciais para resolver disputas, promover a cooperação e alcançar o desenvolvimento sustentável.

Ele disse que a Administração Geral de Assuntos Jurídicos do ministério desempenha um papel fundamental na representação internacional do Reino, salvaguardando seus interesses e defendendo os padrões legais e acordos internacionais.

Elkhoreiji acrescentou que este trabalho reflecte positivamente no Reino da Arábia Saudita e melhora a sua posição entre as nações. **Fonte-Arab News.**

Lucro dos bancos sauditas em julho sobe 7%, para US\$ 2,2 bilhões



Os dados mais recentes do Banco Central do Reino da Arábia Saudita, também conhecido como SAMA, mostram que essa exibição mensal robusta elevou os lucros acumulados de janeiro a julho para cerca de SR59,24 bilhões.

O lucro agregado dos bancos sauditas antes do zakat e dos impostos atingiu SR8,24 bilhões (US \$ 2,2 bilhões) em julho, marcando um aumento de 7% em comparação com o mesmo mês do ano passado.

Os dados mais recentes do Banco Central do Reino da Arábia Saudita, também conhecido como SAMA, mostram que essa robusta exibição mensal elevou os lucros acumulados de janeiro a julho para cerca de SR59,24 bilhões, um aumento de 18% em relação ao mesmo período de 2024, destacando a forte trajetória de crescimento do sector. **Fonte-Arab News.**

Reino prende 21.339 ilegais em uma semana



Suspeitas de violações podem ser relatadas no número gratuito 911 nas regiões de Meca e Riade, e 999 ou 996 em outras regiões do Reino.

Autoridades sauditas prenderam 21.339 pessoas em uma semana por violarem os regulamentos de residência, trabalho e segurança de fronteira, informou ontem sábado a Agência de Imprensa Saudita.

Um total de 12.955 pessoas foram presas por violações das leis de residência, enquanto 4.198 foram detidas por tentativas ilegais de travessia de fronteira e outras 4.186 por questões trabalhistas. O Ministério do Interior disse que qualquer pessoa que esteja facilitando a entrada ilegal no Reino, incluindo o fornecimento de transporte e abrigo, pode enfrentar prisão por um período máximo de 15 anos, uma multa de até SR1 milhão

(US \$ 267.000), bem como confisco de veículos e propriedades. Suspeitas de violações podem ser relatadas no número gratuito **911** nas regiões de Meca e Riade, e **999** ou **996** em outras regiões do Reino. **Fonte-Arab News.**

Como a iniciativa diplomática saudita-francesa levou a Palestina um passo mais perto da condição de Estado



O resultado da votação de uma resolução endossando a Declaração de Nova York é mostrado na tela durante a 2ª reunião plenária da Assembleia Geral da ONU sobre a Questão da Palestina na sede da ONU em Nova York em 12 de setembro de 2025.

Em uma votação histórica na sexta-feira passada, 142 países apoiaram uma declaração saudita-francesa na Assembleia Geral da ONU pedindo um Estado palestino independente, sinalizando que o esforço diplomático de Riade está mobilizando um consenso global sem precedentes para uma solução de dois Estados para o conflito de décadas.

A votação para adotar a "Declaração de Nova York", que pede uma solução de dois Estados sem o envolvimento do Hamas, é o mais recente passo na crescente pressão internacional sobre Israel para encerrar sua guerra em Gaza, que já matou mais de 64.000 pessoas, de acordo com autoridades de saúde locais, feriu dezenas de milhares e criou condições de fome em meio a uma catástrofe humanitária cada vez pior. O presidente francês, Emmanuel Macron, disse que a adoção da Declaração pela Assembleia Geral da ONU mostra que a comunidade internacional está "traçando um caminho irreversível para a paz no Médio Oriente".

"Outro futuro é possível. Dois povos, dois estados: Israel e Palestina, vivendo lado a lado em paz e segurança", escreveu ele em um post no X na sexta-feira passada.

O Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita saudou a adoção da declaração e disse que "confirma o consenso internacional sobre avançar em direcção a um futuro pacífico no qual o povo palestino obtenha seu direito legítimo de estabelecer um Estado independente baseado nas fronteiras de 1967, com Jerusalém Oriental como sua capital".

A "Declaração de Nova York", resultado de uma conferência internacional organizada pelo Reino da Arábia Saudita e pela França em julho na sede da ONU, pediu um cessar-fogo em Gaza, a libertação de todos os reféns, o desarmamento do Hamas e a transferência de suas armas para a Autoridade Palestina sob supervisão internacional e o estabelecimento de um Estado palestino independente. Também abordou a

normalização entre Israel e os países árabes e propôs o envio de uma "missão temporária de estabilização internacional" para a Palestina, sob o mandato do Conselho de Segurança da ONU, para apoiar a população civil palestina e a transferência de responsabilidades de segurança para a Autoridade Palestina.

A votação agora abre caminho para uma conferência de um dia na ONU sobre a solução de dois Estados, co-presidida por Riade e Paris em 22 de setembro, onde vários Estados, incluindo França, Reino Unido, Canadá, Bélgica e Austrália, prometeram reconhecer formalmente o Estado da Palestina. Formalmente conhecida como "Declaração de Nova York sobre a Solução Pacífica da Questão da Palestina e a Implementação da Solução de Dois Estados", a resolução foi aprovada na sexta-feira passada com apoio esmagador, com 142 países votando a favor. Apenas 10, incluindo Israel e seu principal aliado, os EUA, votaram contra, enquanto 12 nações se abstiveram.



A lista de nações que votaram a favor da resolução endossando a Declaração de Nova York é mostrada na tela durante a 2ª reunião plenária da Assembleia Geral da ONU sobre a Questão da Palestina na sede da ONU em Nova York em 12 de setembro de 2025.

A declaração, que incorporou a intensificação dos esforços globais do Reino da Arábia Saudita para pressionar por um Estado palestino, já foi endossada pela Liga Árabe e co-assinada em julho por 17 Estados-membros da ONU, incluindo vários países árabes. O resultado da sexta-feira passada foi condenado pelos EUA e Israel. O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores de Israel, Oren Marmorstein, denunciou a adoção da declaração como "vergonhosa", dizendo que seu país "rejeita totalmente" e chamando a Assembleia Geral da ONU de "um circo político separado da realidade".

Da mesma forma, Morgan Ortagus, vice-enviado especial dos EUA para o Médio Oriente, condenou a acção da AGNU como "outro golpe publicitário equivocado e inoportuno" que recompensa o Hamas e mina os esforços diplomáticos para acabar com a guerra em Gaza. Ela acrescentou que desarmar o Hamas e libertar reféns é a chave para acabar com a guerra.

O Hamas disse que não concordará em se desarmar a menos que um Estado palestino soberano seja estabelecido. Os crescentes apelos por um Estado palestino ocorrem no momento em que o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, continua a escalar o conflito. Na terça-feira passada, ele autorizou ataques aéreos contra alvos do

Hamas no Qatar durante uma reunião que avalia uma proposta de cessar-fogo dos EUA - uma medida que foi amplamente condenada no Médio Oriente e em outros lugares por minar os esforços de paz e violar a soberania do Qatar. Sob seu comando, Israel tem avançado com uma grande ofensiva militar na Cidade de Gaza, apesar da indignação internacional. Na quinta-feira passada, um dia antes da votação da ONU, ele prometeu que "não haverá Estado palestino" ao assinar um acordo para avançar com o polémico plano de expansão dos assentamentos E1 que dividirá a Cisjordânia, minando ainda mais o potencial de um Estado palestino.

Analistas alertaram que, embora a adopção da declaração pela ONU possa não trazer mudanças imediatas no terreno sem uma acção internacional concreta, ela ressalta uma derrota diplomática estratégica para Israel, mesmo que reivindique vitórias militares.

Hani Nasira, escritora, académica e especialista política egípcia, acredita que o apoio esmagador à declaração reflecte a intensificação da rejeição internacional às práticas do governo de direita de Netanyahu, juntamente com o crescente constrangimento que isso causa para os EUA como seu principal aliado.

"Israel perdeu sua imagem internacional e a oposição ao governo de Netanyahu aumentou tanto globalmente quanto em casa. Aqueles que o apoiam agora se encontram em profundo constrangimento", disse Nasira ao Arab News. Ele disse que a decisão de Netanyahu de persistir parece insustentável para os cidadãos israelenses, a região e o mundo em geral.

"A preocupação hoje não é apenas com a Palestina, mas a ameaça se espalhou para a segurança do Golfo. Os últimos ataques minaram o papel do Qatar como mediador e abalaram a imagem de Washington como um aliado confiável", disse Nasira, alertando que as acções de Israel estão desestabilizando a região. Embora o Estado palestino seja visto como a solução, a perspectiva permanece fora do alcance imediato.

Nasira disse que a agressão contínua de Israel na região, a retórica provocativa, incluindo a visão de Netanyahu de um "Grande Israel", e as profundas divisões internas entre as facções palestinas representam um sério desafio ao plano de paz.

Ele alertou que a região está em um "ponto de virada" que requer a exploração de alternativas realistas "sem ser arrastado para o extremismo de Netanyahu que ameaça não apenas o processo de paz, mas toda a região".

Na verdade, disse Nasira, as violações de Israel em Gaza destacam a necessidade de uma ordem mundial multipolar, em vez de uma dominada pelos EUA, particularmente sob a segunda presidência de Donald Trump. A grande derrota diplomática de Israel na Assembleia Geral da ONU reflectiu uma mudança acentuada de tom de várias nações europeias em relação à sua conduta em Gaza e nos territórios ocupados.

Cinco países europeus, incluindo Espanha, Holanda e Irlanda, já proibiram todas as importações de assentamentos israelenses ilegais, enquanto as instituições da UE pedem a suspensão de partes comerciais do Acordo de Associação UE-Israel e estão considerando sanções.

Eslovênia, Alemanha e Espanha começaram a impor embargo de armas a Israel. A onda de apoio ao reconhecimento da Palestina também é vista como um meio de aumentar a pressão sobre Israel para encerrar sua guerra em Gaza, que foi desencadeada pelo ataque liderado pelo Hamas em 7 de outubro de 2023.

Nasira disse que a votação histórica também reflecte a crescente influência diplomática do Reino da Arábia Saudita, tanto regional quanto internacionalmente, especialmente em relação à causa palestina.

"A influência do Reino da Arábia Saudita se baseia em sua estatura global, influência econômica, simbolismo islâmico, proeminência do Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman no cenário mundial e um histórico da diplomacia equilibrada e eficaz do Reino que ressoa regional e internacionalmente", disse Nasira ao Arab News.

Os esforços diplomáticos do Reino foram saudados por observadores e analistas por reavivar o ímpeto global por trás da solução de dois Estados, após anos de foco diminuído antes da guerra em Gaza.

O ímpeto se baseou na Iniciativa de Paz Árabe liderada pelo Reino da Arábia Saudita, adoptada na cúpula da Liga Árabe de 2002 em Beirute, que propôs a normalização entre os estados árabes e Israel em troca de uma retirada israelense total dos territórios ocupados - incluindo a Cisjordânia, Gaza e as Colinas de Golã - a criação de um estado palestino com Jerusalém Oriental como capital, e uma resolução justa da questão dos refugiados palestinos.

A "Declaração de Nova York" foi vista como trazendo consenso global em torno dessa iniciativa, posicionando-a efectivamente como a base para um diálogo internacional renovado sobre a solução de dois Estados.

Desde que a guerra de Gaza eclodiu, o Reino liderou um esforço internacional para garantir um cessar-fogo e estabelecer as bases para uma paz duradoura e sustentável na Palestina. Nos últimos dois anos, o ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal, defendeu o compromisso diplomático do Reino patrocinando conferências internacionais, construindo amplas alianças com nações parceiras e fornecendo financiamento crítico para alimentos e suprimentos médicos para os palestinos em Gaza e na Cisjordânia.

Em setembro de 2024, o Príncipe Faisal anunciou a formação da Aliança Global para a Implementação da Solução de Dois Estados, mobilizando 90 estados com o objectivo de acabar com o conflito israelense-palestino de longa data.

O Reino realizou reuniões de acompanhamento em Riade, Bruxelas e Oslo nos meses seguintes, com foco em pontos de acção concretos identificados pelos participantes.

Naquele mesmo mês, o Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman descartou um acordo de normalização saudita com Israel sem um "estado palestino independente". Esses esforços diplomáticos culminaram na conferência saudita-francesa da ONU em julho, que buscou estabelecer uma estrutura política clara além da defesa vocal para acabar com a guerra de Gaza e pressionar pelo reconhecimento de um Estado palestino de acordo com as resoluções da ONU. O sucesso desta iniciativa foi destacado pelo

Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman em seu discurso na quarta-feira passada perante o Conselho Shoura saudita, onde ele disse que "a conferência internacional sobre a implementação da solução de dois Estados, realizada em Nova York, alcançou uma mobilização sem precedentes e reforçou o consenso global" sobre a Iniciativa de Paz Árabe.



Manifestantes agitam bandeiras palestinas e seguram uma faixa com os dizeres "Pare de matar Gaza de fome" no Palácio de Westminster, sede das Casas do Parlamento, no centro de Londres, em 4 de junho de 2025, durante uma manifestação em apoio a Gaza.

Ele disse que os esforços do Reino deram frutos ao levar mais países a reconhecer a Palestina e obtiveram maior apoio internacional para a implementação de uma solução de dois Estados, pedindo a outros países que sigam o exemplo. Condenando os "crimes de fome e deslocamento forçado" de Israel em Gaza, ele reiterou a posição do Reino de que "a terra de Gaza é palestina e os direitos de seu povo são firmes, não devem ser tirados por agressão ou anulados por ameaças", enfatizando um apoio inabalável ao Qatar após os ataques israelenses. Agora, a região aguarda os resultados da cúpula árabe-islâmica de emergência, organizada hoje domingo no Qatar, para discutir uma resposta colectiva ao ataque israelense a Doha. **Fonte-Arab News.**

Governo líbio chega a acordo com grupo armado para acabar com tensões em Trípoli



Soldados líbios participam num desfile militar na capital Trípoli.

O governo da Líbia, reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), com sede em Trípoli, chegou a um acordo preliminar com um poderoso grupo armado para encerrar meses de tensões que se transformaram em violência ocasional, disse um assessor do governo a imprensa local ontem sábado. As negociações entre o governo e

a Força Radaa foram facilitadas pela Turquia, de acordo com as mesmas fontes.

Ziyad Deghem, assessor do chefe do órgão de transição do Conselho Presidencial, disse que os detalhes do acordo "serão anunciados ao público em uma data posterior".

Nem Radaa nem o governo fizeram comentários oficiais até agora. No entanto, a emissora líbia Al-Ahrar postou ontem sábado no X um vídeo que mostrava forças do Ministério da Defesa entrando em um aeroporto controlado por Radaa. O país do norte de África ainda é atormentado por divisões e instabilidade durante anos de agitação após o levante apoiado pela Otan que derrubou o líder de longa data Muammar Gaddafi em 2011. Permanece dividido entre o governo reconhecido pela ONU no oeste e seu rival oriental, apoiado pelo comandante militar Khalifa Haftar. **Fonte-Reuters.**

Fórum de reféns israelenses diz que Netanyahu é "obstáculo" para acabar com guerra em Gaza



Manifestação na 'Praça dos Reféns' em Tel Aviv em 13 de setembro de 2025, pedindo a Israel um cessar-fogo em sua guerra em Gaza para não colocar em risco a vida dos cativos ainda nas mãos de militantes palestinos.

O principal grupo israelense que faz campanha pela libertação de reféns mantidos em Gaza disse ontem sábado que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu é o principal obstáculo para a libertação dos reféns, pouco depois de acusar os líderes do Hamas de prolongar a guerra.

"A operação direcionada no Qatar provou, sem sombra de dúvida, que há um obstáculo para devolver os ... reféns e fim da guerra: primeiro-ministro Netanyahu", disse o Fórum de Reféns e Famílias Desaparecidas em um comunicado, referindo-se ao recente ataque de Israel a uma reunião de membros do Hamas no estado do Golfo.

"Toda vez que um acordo se aproxima, Netanyahu o sabota", acrescentaram.

No início da noite, o primeiro-ministro havia dito que eliminar os líderes do Hamas no Qatar traria um fim à guerra, acusando o grupo de atrapalhar os esforços anteriores para garantir um cessar-fogo. "Os chefes terroristas do Hamas que vivem no Qatar não se importam com as pessoas em Gaza. Eles bloquearam todas as tentativas de cessar-fogo

para arrastar a guerra infinitamente", disse ele no X. "Livrar-se deles eliminaria o principal obstáculo para libertar todos os nossos reféns e acabar com a guerra."

O fórum, no entanto, caracterizou a acusação como a mais recente "desculpa" de Netanyahu para não trazer os cativos para casa. "Chegou a hora de acabar com as desculpas destinadas a ganhar tempo para que ele possa se agarrar ao poder", disse o fórum. "Essa paralisação ... ameaça a vida de reféns adicionais que mal sobrevivem após quase dois anos em cativeiro, bem como a recuperação daqueles que morreram."

Milhares de israelenses se reuniram em Tel Aviv na noite de ontem sábado, pedindo ao governo que acabe com a guerra e faça um acordo para devolver os reféns. **Fonte-Reuters.**

Embaixador palestino pede ao Japão que reconheça o Estado da Palestina



O embaixador do Estado da Palestina em Tóquio, Waleed Siam.

O embaixador do Estado da Palestina em Tóquio, Waleed Siam, pediu ao governo japonês que reconheça a Palestina como um Estado, dizendo que o apoio do Japão "é crucial para a nossa causa". "Isso reflecte um compromisso com a justiça e oferece uma mensagem de esperança para a paz e o respeito pelo direito internacional", disse ele. "A comunidade palestina apreciará essa postura do Japão e espera fortalecer os laços e a cooperação entre suas nações para as próximas gerações." Actualmente, o governo japonês, liderado pelo primeiro-ministro Shigeru Ishiba, está nos estágios finais das discussões sobre o reconhecimento do Estado da Palestina. Ishiba anunciou sua decisão de renunciar no domingo passado.

Em contraste, os EUA "pediram ao Japão que não reconheça a Palestina como um Estado na Assembleia Geral da ONU no final deste mês", disseram fontes diplomáticas na sexta-feira passada. De acordo com a Kyodo News: "Os Estados Unidos comunicaram ao Japão a sua oposição ao reconhecimento de um Estado palestino por meio de vários canais diplomáticos, argumentando que tal reconhecimento exacerbaria a situação e instando Tóquio a se alinhar com Washington". **Fonte-Arab News.**

Netanyahu apostou ao atacar os líderes do Hamas no Qatar Parece ter saído pela culatra



O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, participa numa cerimônia de assinatura de um acordo-quadro, com o objectivo de acelerar o desenvolvimento no assentamento israelense de Maale Adumim, na Cisjordânia, em 11 de setembro de 2025. Em agosto de 2025, Israel aprovou um grande projecto de assentamento em uma área da Cisjordânia ocupada que a comunidade internacional alertou que ameaça a viabilidade de um futuro Estado palestino.

Quando o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu ordenou a tentativa de assassinato de líderes do Hamas no Qatar, ele fez uma grande aposta em sua campanha para submeter o grupo. Com sinais crescentes de que a missão falhou, essa aposta parece ter saído pela culatra.

Netanyahu esperava matar os principais líderes exilados do Hamas para se aproximar de sua visão de "vitória total" contra o grupo militante que atacou Israel em 7 de outubro de 2023 e pressioná-lo a se render após quase dois anos de guerra na Faixa de Gaza. Em vez disso, o Hamas afirma que seus líderes sobreviveram, e a posição global de Netanyahu, já gravemente danificada pelas cenas de destruição e desastre humanitário em Gaza, sofreu outro golpe. O ataque aéreo da terça-feira passada enfureceu o Qatar, um influente aliado dos EUA que tem sido um mediador importante durante a guerra, e atraiu fortes críticas em todo o mundo árabe. Também prejudicou as relações com a Casa Branca e desorganizou as esperanças de chegar a um cessar-fogo, potencialmente colocando em risco os 20 reféns que ainda se acredita estarem vivos em Gaza. Mas, embora o ataque marque um revés para Netanyahu, o líder israelense não mostra sinais de recuar ou interromper a guerra. E com sua coalizão linha-dura ainda firmemente atrás dele, Netanyahu não enfrenta nenhuma ameaça imediata ao seu governo.

A esperança de Netanyahu de uma 'imagem de vitória' para seu governo,

Cinco membros de baixo escalão do Hamas e um guarda de segurança do Qatar foram mortos no ataque. Mas o Hamas disse que o alvo pretendido, líderes exilados que estavam reunidos para discutir uma nova proposta de cessar-fogo dos EUA, sobreviveram. O grupo, no entanto, não divulgou nenhuma foto dos líderes, e o Qatar não comentou sobre suas condições. Se o ataque aéreo tivesse matado a alta liderança, o ataque poderia ter dado a Netanyahu a oportunidade de declarar a destruição do Hamas, disse Harel Chorev, especialista em assuntos árabes da Universidade de Tel Aviv. "É tudo muito simbólico e é definitivamente parte da coisa que permite a Netanyahu, em um certo ponto, dizer 'Vencemos, matamos todos eles'", disse ele. A feroz ofensiva de 23 meses de Israel em Gaza eliminou toda a liderança do Hamas

dentro do território. Mas Netanyahu decidiu erradicar o grupo como parte de seu objectivo de "vitória total". **Fonte-Reuters.**

Rubio visita Israel após ataque ao Qatar



O secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, fala durante uma colectiva de imprensa conjunta com a ministra das Relações Exteriores do Equador, Gabriela Sommerfeld, no Palácio de Carondelet, em Quito, Equador, na quinta-feira, 4 de setembro de 2025.

O principal diplomata norte-americano, Marco Rubio, chegou hoje domingo a Israel, depois de expressar o apoio inabalável do governo Trump a seu aliado na guerra com o Hamas após um ataque no Qatar que atraiu amplas críticas a Israel.

A viagem está ocorrendo depois que o presidente Donald Trump repreendeu Israel pelo ataque sem precedentes contra líderes do Hamas reunidos em um bairro nobre de Doha na terça-feira passada.

Ele marcou o primeiro ataque desse tipo de Israel contra o Qatar, aliado dos EUA, e colocou uma pressão renovada sobre os esforços diplomáticos para trazer uma trégua em Gaza devastada pela guerra. Antes de partir para a região ontem sábado, Rubio disse a repórteres que, embora Trump "não estivesse feliz" com o ataque, isso "não mudaria a natureza de nosso relacionamento com os israelenses". Mas ele acrescentou que os Estados Unidos e Israel "terão que conversar" sobre seu impacto nos esforços de trégua.

Trump repreendeu o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, pelo ataque, que teve como alvo líderes do Hamas reunidos para discutir uma nova proposta de cessar-fogo apresentada pelos Estados Unidos.

Netanyahu defendeu a operação, dizendo ontem sábado que matar altos funcionários do Hamas removeria o "principal obstáculo" para acabar com a guerra. A conversa sobre um cessar-fogo, ainda fora de alcance após meses de negociações fracassadas, ocorreu no momento em que Israel intensifica sua campanha na Faixa de Gaza.

Nos últimos dias, intensificou os esforços para assumir o controle da Cidade de Gaza, a maior área urbana do território, dizendo aos moradores para evacuarem e explodindo vários arranha-céus que disse estarem sendo usados pelo Hamas. Embora milhares de pessoas tenham evacuado a cidade, de acordo com os militares israelenses e o Hamas, muitas outras permanecem. No final de agosto, a ONU estimou que cerca de um milhão de pessoas viviam na cidade e arredores, onde declarou fome e atribuiu às restrições de ajuda israelenses. **Fonte-Reuters.**

EUA, Israel e o ataque ao Qatar



HAFED AL-GHWELL

13 de setembro de 2025



As pessoas comparecem a um funeral realizado resultado do ataque israelense em Doha.

Os EUA há muito encobrem seus compromissos com o mundo árabe na retórica de interesse mútuo e parceria estratégica, mas o ataque aéreo de Israel em 9 de setembro em Doha - realizado por 15 jatos visando um prédio residencial e matando seis, incluindo um oficial de segurança do Qatar e o filho de um negociador do Hamas - rasgou totalmente esse véu.

Não foi apenas mais um ataque agressivo na campanha de escalada regional e imprudência arbitrária de Israel, mas também uma violação grosseira da soberania do Qatar: um ataque a um grande aliado não pertencente à OTAN que hospeda a maior base militar dos EUA na região, Al-Udeid, onde mais de 10.000 soldados americanos estão estacionados. Além disso, o Qatar despejou bilhões em títulos do tesouro dos EUA, investiu mais de US\$ 45 bilhões em infraestrutura e corporações americanas e comprou mais de US\$ 26 bilhões em equipamentos de defesa dos EUA. No entanto, quando os jatos israelenses entraram no espaço aéreo do Qatar, os EUA não ofereceram nada mais do que um aviso tardio - entregue 10 minutos após o início do ataque.

Apesar do papel inabalável de Doha como principal mediador, facilitando incansavelmente as negociações de cessar-fogo entre o Hamas e Israel a pedido explícito de Washington, o ataque não foi recebido com prevenção ou proteção, mas com traição total. Relatórios confirmando o conhecimento prévio dos EUA sobre a operação, juntamente com o fracasso inexplicável das defesas aéreas americanas altamente sofisticadas em interceptar ou mesmo alertar o Qatar, revelam a ficção das garantias de segurança de Washington. O ataque também representou uma decisão israelense consciente de sabotar a diplomacia e um terrível fracasso americano em cumprir seus compromissos, revelando uma aliança que opera com desprezo pela soberania e paz árabes. O ataque descarado também confirmou a ansiedade estratégica mais profunda do Golfo na última década: que as prioridades americanas estão agora violentamente divorciadas das de seus parceiros árabes. Apesar do papel indispensável

do Catar como mediador da paz na região árabe, juntamente com os compromissos bilaterais para gerar um intercâmbio económico EUA-Qatar no valor de US \$ 1,2 trilhão, a soberania do país foi sacrificada pelos objectivos táticos de Israel.

O fraco aviso do governo, entregue quando os jatos israelenses já estavam chegando, expõe uma verdade preocupante: um grande aliado não pertencente à OTAN não é protegido, mas patrulhado. Enquanto isso, para países como os Emirados Árabes Unidos e o Bahrein, que normalizaram as relações com a promessa de estabilidade apoiada pelos EUA, esse ataque estabelece um precedente assustador. Suas redes multibilionárias de defesa aérea, compradas de Washington, mostraram-se inúteis contra um ataque facilitado pela aquiescência de seu fiador. E, se um país como o Qatar, com sua relação militar privilegiada, pode ser atacado impunemente, que garantias outros estados menos influentes têm?

A resposta é inequívoca: as garantias de segurança de Washington são negociáveis, mas a impunidade israelense não. Este não é mais o recuo silencioso do poder americano, como muitos imaginavam, mas uma abdicação imprudente, deixando aqueles que confiavam em Washington expostos e vulneráveis ao próximo ataque unilateral.

Para além de Doha, até o Conselho de Cooperação do Golfo enfrenta um paradoxo desagradável. Os estados membros do GCC detêm colectivamente mais de US \$ 3 trilhões em riqueza soberana e investiram bilhões em sistemas avançados de defesa americanos, como baterias THAAD e Patriot. No entanto, esse hardware se mostrou sem sentido quando a obstinação israelense penetrou no espaço aéreo do Qatar sem impedimentos para bombardear um prédio perto de escolas e embaixadas. O fracasso não é tecnológico, mas político: uma superpotência que não activaria e não activou defesas para proteger um grande parceiro de seu próprio estado cliente. Segue um padrão perigoso - desde o ataque de 2019 aos campos de petróleo sauditas até a barragem de mísseis de junho de 2025 em Al-Udeid - sempre expondo o vazio das garantias americanas.

Como resultado, a Península Arábica se depara com uma questão agonizante: essas parcerias são projectadas para segurança mútua ou apenas subsidiam as vendas de armas dos EUA enquanto fornecem cobertura diplomática para a agressão militar israelense e o unilateralismo imprudente?

A declaração resoluta do Qatar de continuar os esforços de mediação, mesmo depois de sofrer um ataque militar directo à sua capital, contrasta moralmente com o colapso da credibilidade americana. Essa assimetria grotesca é talvez o desmoronamento final da arquitetura de segurança pós-Guerra Fria no Médio Oriente, onde o poder dos EUA era sinónimo de estabilidade garantida. Em seu lugar está uma nova realidade perigosa: uma região onde um estado cliente armado pelos EUA opera com total impunidade. De certa forma, os US \$ 5,6 trilhões que os EUA gastaram em suas guerras pós-11 de setembro não conseguiram comprar qualquer aparência de ordem. Em vez disso, o caos é o legado da Guerra ao Terror, capacitando actores desonestos como Israel a agir unilateralmente, enquanto Washington fornece cobertura diplomática, cartas severas e abanar o dedo silenciado. Por enquanto, a condenação colectiva do GCC, incluindo uma rara visita de solidariedade do presidente dos Emirados Árabes Unidos, sinaliza um reconhecimento árabe definitivo de que a era de confiar nas garantias americanas acabou. A região deve agora navegar em uma arena volátil não mais moldada pelo

interesse mútuo árabe-americano, mas pelas ambições imprudentes do aliado mais imprudente de Washington.

O ataque de Doha acelerará irrevogavelmente a dissociação militar e estratégica do Golfo de Washington. O desenvolvimento de uma indústria doméstica de armas pelo Reino da Arábia Saudita e os pactos de segurança aprofundados dos Emirados Árabes Unidos com a França e a Rússia não são mais planos de contingência, mas necessidades. Para o Qatar, o ataque de 9 de setembro exige uma recalibração fundamental. Como pode qualquer país se envolver em diplomacia mediada pelos EUA quando o mesmo Washington permite que uma das partes bombardeie o local da negociação? O ataque confirmou que os EUA não se contentam mais em ser um mediador, mas um facilitador directo do unilateralismo israelense, reduzindo o papel de Washington de mediador da paz a garantidor do caos.

Talvez seja muito cedo para determinar como as respostas regionais provavelmente serão fragmentadas ou unificadas, mas de qualquer forma, isso terá consequências. No entanto, não haverá reacção militar árabe unificada – a solidariedade militar pan-árabe permanece impossível, mas testemunharemos um realinhamento calculado: maior apoio à Palestina, programas de cobertura nuclear acelerados e parcerias de segurança mais profundas com Moscovo e Pequim. Enquanto algumas capitais podem tolerar a agressão israelense por meio do silêncio, outras, lideradas pela diplomacia de princípios do Qatar, buscarão a responsabilidade multilateral.

Mas ninguém confiará em Washington novamente tão cedo. A maior tragédia é que esse momento poderia ter sido evitado. Em vez disso, os EUA optaram por terceirizar sua política para o Médio Oriente para um governo israelense beligerante que não mostra interesse em paz, estabilidade ou segurança mútua. O resultado é uma região menos segura, mais polarizada e cada vez mais disposta a olhar para além de Washington em busca de protecção.

Quando até mesmo um parceiro como o Qatar não está seguro, ninguém está. No final, o bombardeio no Qatar é um ataque à ideia de uma liderança americana duradoura e será lembrado por muito tempo como o momento em que o mundo árabe decidiu que os EUA não eram mais amigos, mas uma potência imprevisível e desinteressada cujas promessas estão escritas na areia.

Hafed Al-Ghwell é membro sênior e director de programa do Stimson Center em Washington DC e membro sênior do Centro de Estudos Humanitários e de Conflitos.
X: @HafedAlGhwell

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**
Preservar e valorizar as conquistas
alcançadas, construindo um futuro melhor